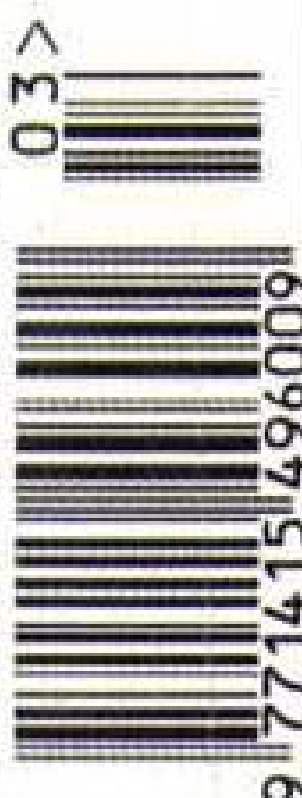
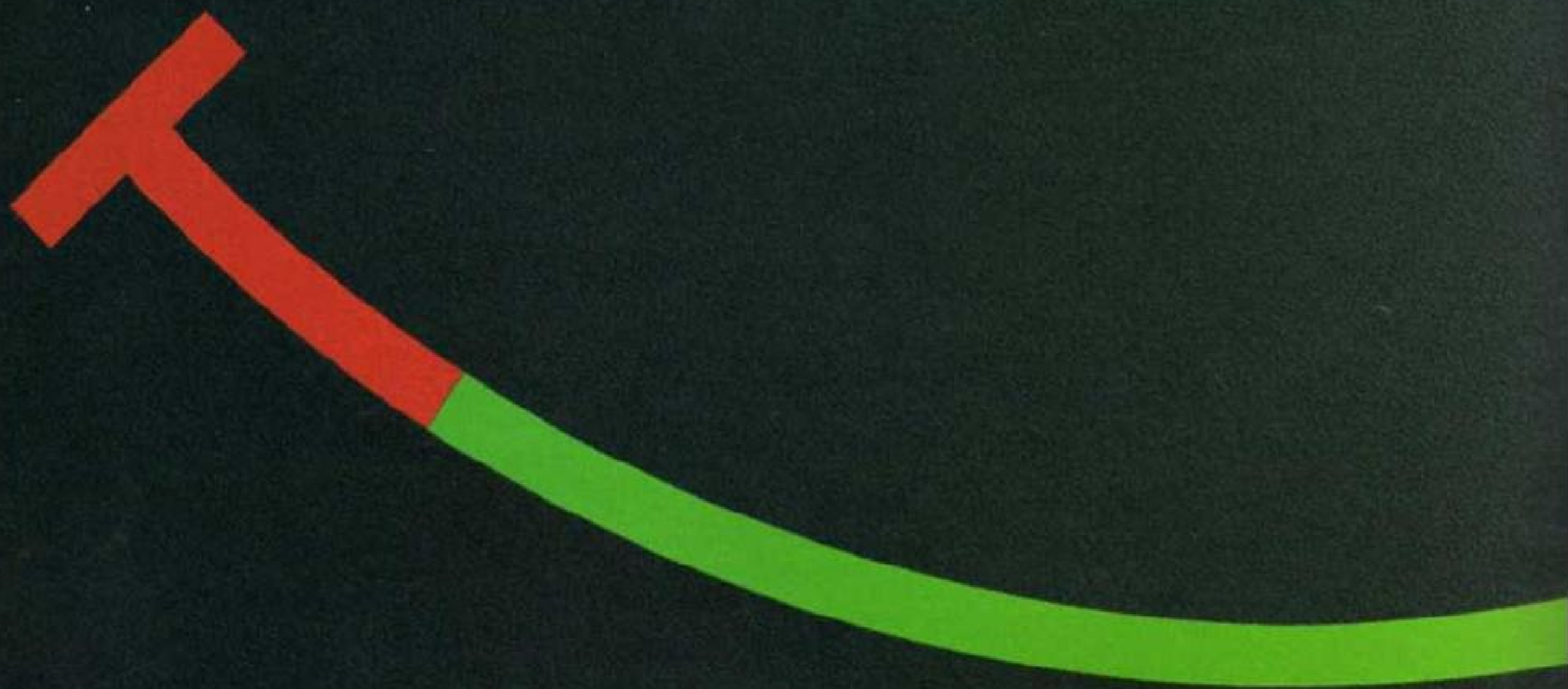
Editora Abril
10891/1
COLEÇÃO
PLACAR
História do futebol 3
O desastre brasileiro na Copa de 1950
Real Madrid, o melhor time da década de 50
A magia da Hungria, sob o comando de Puskas
Nº 3 - R$ 9,90
www.placar.com.br
Placar História do Futebol - Volume 3 é um kit composto de fascículo e fita de vídeo. Não podem ser vendidos separadamente
A PAIXÃO DOS BRASILEIROS PELO FUTEBOL
EMOCIONANTE! A ITÁLIA CHORA A TRAGÉDIA QUE MATOU O TIME DO TORINO
9 771415 496009
03

Young & Rubicam
Um pneu que dura mais e economiza combustível

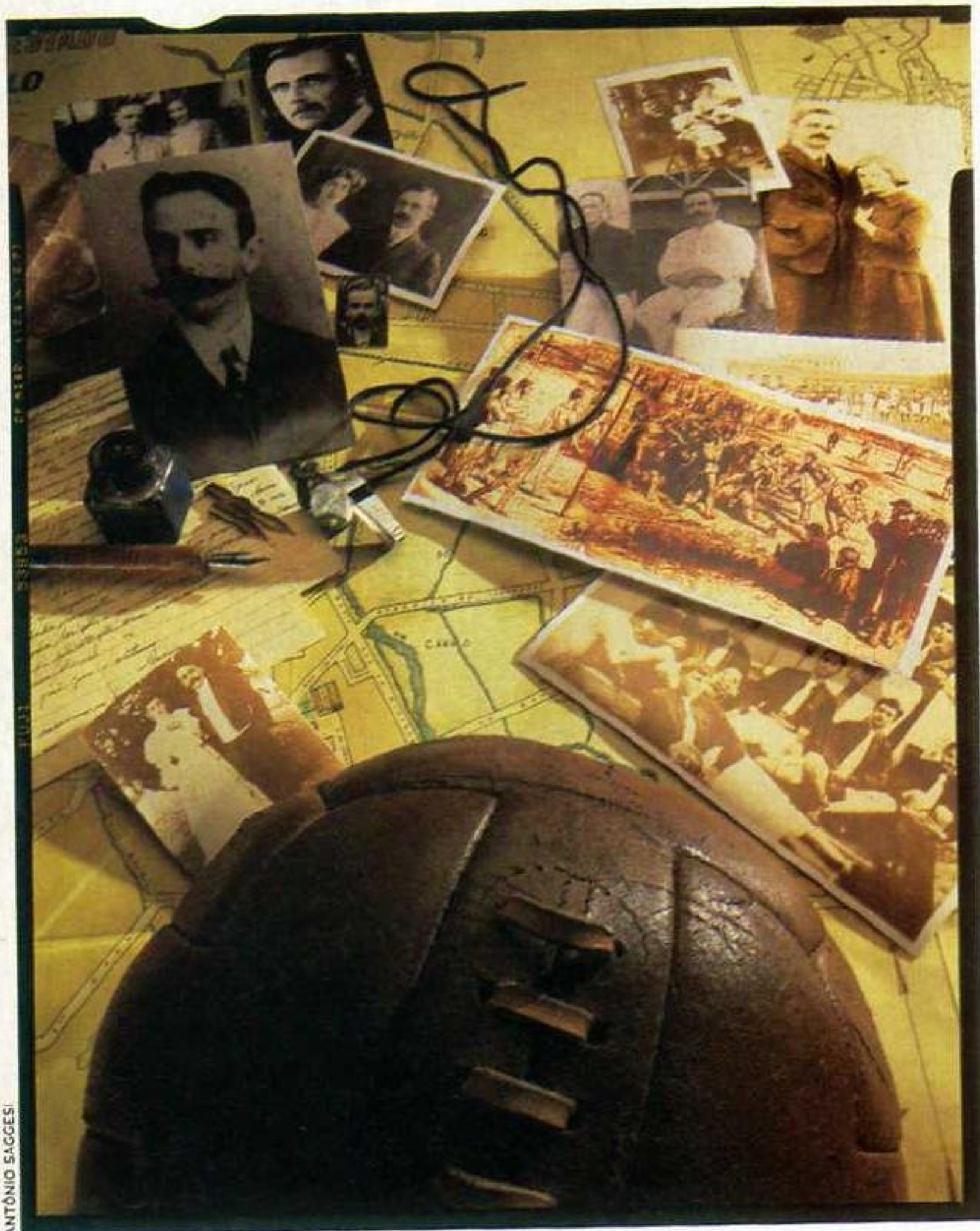
P3000 Energy. Onde economia é performance.

Acaba de chegar ao Brasil o mais novo conceito em pneu: P3000 Energy. A partir de um revolucionário composto de materiais e de um desenho exclusivo, o P3000 Energy tem uma durabilidade 15%* maior que os pneus standard e economiza mais combustível. Essas melhorias fazem dele um pneu ecologicamente correto. E, com tantas vantagens, podemos dizer que o P3000 Energy é muito mais que um pneu. É um investimento.

*Considerando padrões normais de dirigibilidade.

POTÊNCIA NÃO É NADA SEM CONTROLE.

não poderia causar outra reação.

o primeiro *match* no Brasil

ANTÔNIO SAGGESI

A história do jogo de foot-ball entre São Paulo Railway e The Team of Gaz é finalmente trazida à luz, numa carta descoberta quase por acaso

POR JOSÉ ROBERTO TORERO

Fazendo pesquisas sobre a história do futebol, tropecei nesta carta que teria sido escrita por um tal Graham Hunt de Souza para seu neto. Obviamente pairam dúvidas sobre o texto, principalmente porque exames grafotécnicos preliminares indicam que a tal carta teria sido escrita com uma caneta Bic.

"Meu querido neto, já que insistes em saber como foi aquele primeiro jogo, mando-te com muito gosto este meu depoimento:

Corria o ano de 1894. Eu tinha vinte anos e estudava na Banister Court School, em Southampton. Eram dias felizes e cheios das melhores lembranças. Aprendi as letras, conheci o grande império e fiz muitos e bons amigos. Um deles, talvez o mais querido, foi um seminarista. Chamava-se Nigel Woodworth. Alma vívida e dinâmica, era amigo da caça, do tabaco e dos sports; um dia, insistindo muito, convidou-me para assistir a um match de foot-ball.

Devo lhe confessar que, por ser franzino, não tinha o espírito dado aos matches de embates físicos. Tolerava o cricket, detestava o rugby. Contudo, nunca tinha assistido a nenhum match de foot-ball e disto escarneciam muitos dos meus colegas. Naquela tarde de verão, o prélio envolveria, de um lado, um selecionado do Condado de Hampshire, ao qual estariam defendendo muitos estudantes de Banister, e de outro, o temido esquadrão, pelo menos assim me dizia, do Corinthian Team.

DELICADEZA NO MEIO DOS GOLIAS ADVERSÁRIOS

Ao chegarmos no pequeno estádio, logo tomamos lugar e colocamos nossos chapéus para melhor nos protegermos do sol. Meu bom amigo Nigel acendeu o lume do seu cachimbo e, à medida que corria o match, procurava explicar-me suas intrincadas regras.

Não mentiu meu amigo quando exaltou as altas qualidades do Corinthian Team. Ali estavam robustos Apolos que disputavam as bolas com a ferocidade do Javali de Erimanto; sua disposição, sua velocidade e seus belos chutes para o alto encantavam a toda a assistência. Em meia hora de peleja, já venciam por três pontos a zero.

Porém, quando a sorte do match parecia selada, o instrutor de Hampshire fez colocar em campo um rapagote miúdo, de cabelos pretos e olhos fundos, que, com uma disposição inigualável, passou a equilibrar a disputa.

Nipper era como o chamavam, mas David poderia ser perfeitamente o seu nome, tal a delicadeza com que se movia em meio aos Golias adversários. Apenas com dribles insinuantes, toques maneirosos e muita destreza, ele, sozinho, igualou o marcador em três pontos.

Terminou a pugna em meio ao aplauso entusiasmado e até mesmo eu, que mal conhecia o engenho e a arte daquele sport, dei muitos hurras àquele astucioso foot-baller. "O dia é deste garoto, Nigel", comentei. "Ele nos deu a lição de persistência própria da raça inglesa."

Nigel abriu um sorriso e, enquanto recolocava tabaco no bojo do seu cachimbo, disse-me sem desviar os olhos. "Pois deixe-me dizer-lhe que este Nipper é um compatriota como o café que tomamos ainda ontem na casa do reverendo Simonton."

TRAZIA DUAS BOLAS EMBAIXO DAS CEROULAS

Ainda naquele dia, fui apresentado ao herói de Southampton. Seu nome era Charles Miller, tinha dezenove anos e, como eu, era paulistano do Brás e também estava na Inglaterra pelos estudos. Tornamo-nos amigos. Bons amigos. E, como não poderia deixar de ser, comecei a interessar-me pelo sport que tanto recreio me proporcionara naquela tarde.

Veio, porém, o mês de outubro e Charles Miller embarcou de volta ao Brasil. Não falarei do aplauso reconhecido dos professores, nem da lágrima sincera dos companheiros, apenas direi que ele honrou o nome da nossa jovem República, tão injustamente enxovalhada nas gazetas da Europa.

Charles levava o diploma e um emprego, já arranjado, como almoxarife na São Paulo Railway. Embaixo de suas camisas e ceroulas, no entanto, iam duas bolas de couro, uma bomba, dois jogos de uniformes e outros petrechos para que ele não deixasse de se deleitar no Brasil com o sport que o celebrizara na Inglaterra. "Levarei o foot-ball ao Brasil", disse-me uma vez com os olhos reluzentes.

Passaram-se seis meses e chegou a minha vez de partir. Quando desembarquei no porto de Santos, fui alegremente recebido por minha família. Minha mãe deu-me uns biscoitos e meu pai uma carta de recomendações assinada pelo deputado Felinto Brasil. "In hoc signo vinces", exultou. Eu agradeci e guardei com carinho as chaves que abririam as portas do meu futuro emprego.

Não se passaram dois dias, porém, e eu logo quis ir procurar meu amigo Charles Miller para saber como progrediam seus intentos de realizar um jogo de foot-ball no Brasil. Devo confessar que, antes do meu embarque, procurara aprender os segredos do sport. Treinara com afinco, faltara às aulas e, ao cabo dos seis meses, já não fazia má figura como center-forward. Meu chute era certeiro e compensava a falta de músculos para lutar pela posse da bola.

Mas, quando cheguei à rua Monsenhor Andrade, encontrei Charles Miller abatido e sem ânimo. Nada lembrava o fabuloso Nipper de Southampton. O motivo era o esperado: havia o bom emprego, o carinho da família e os suspiros das damas; mas não havia o foot-ball. Os esforços haviam sido em vão. Nenhum match havia sido realizado. Os brasileiros, dizia-me ele, tinham uma enorme impaciência para aprender a arte e as regras do sport.

PARECIAM CÃES DISPUTANDO UM OSSO

Ao ver meu bom amigo naquele estado de comiseração, fiquei aflito e procurei imediatamente ajudá-lo. Mostrei-lhe umas gazetas de Liverpool, que trouxera, e ele, ao ler a descrição dos matches, foi enchendo-se de um novo entusiasmo.

Na tarde seguinte, fomos para a várzea do gasômetro com um punhado de conhecidos. Depois de espantar as mulas da companhia de bonde, erguer as traves e demarcar o quadrilátero, explicamos como deveriam se colocar, tocar na bola e arrematar contra o arco.

Eles ouviram tudo em silêncio e não fizeram nenhuma pergunta. Estavam contentes e muito pimpões, achando-se verdadeiros narcisos naqueles belos uniformes. Em meio minuto, todos se colocaram ordeiramente e prepararam-se para o match.

Coube a mim dar o primeiro chute numa bola de foot-ball em terras brasileiras. Toquei para o companheiro do lado e corri adiante a fim de posicionar-me próximo ao goal. Ao virar-me, porém, dei com um espetáculo bárbaro. No meio do quadrilátero havia-se formado um amontoado com todos os jogadores, exceto os goal-keepers, eu e Charles. Suas feições eram como de selvagens e eles davam gritos medonhos, chutando-se sem piedade, tentando controlar a bola.

Uma enorme cortina de pó formou-se em volta. Ah, meu caro, era como se Deus a erguesse para impedir que os olhos das senhoritas que iam pela rua do Mosteiro pudessem contemplar tamanha prova de bestialidade. "Parecem cães famintos disputando um osso", gritou-me Charles, desesperado. "Nunca aprenderão esse nobre sport."

Não houve o match. Charles suspirava e, enquanto lamentava o rasgo feito numa de suas camisas, dizia-me ter perdido as esperanças. Seria um bom almoxarife e pronto. Nas tardes de domingo jogaria rugby no São Paulo Athletic, como um bom filho de ingleses. Alguém, com mais paciência, ensinaria os brasileiros a jogar o foot-ball.

Mas Charles não falava com o coração. Aquele sport o apaixonara e ele, como eu, sentia falta de praticá-lo. Era um sport duro, é verdade, mas não tinha a metade dos encontrões do rugby. Ali, a arte de descobrir os espaços e minar a linha dos backs sublimava a violência, ao mesmo tempo em que estávamos viciados naquele sport e não demoraria que voltássemos à várzea do gasômetro para fazer o primeiro match do Brasil.

O TOQUE GARBOSO FOI BATIZADO DE "CHALEIRA"

O novo jogo aconteceu em abril de 1895. Como não conseguimos mais atrair nossos compatriotas, desistimos deles e fomos bater à porta de alguns ingleses. Aí tudo foi mais fácil. Familiarizados com o sport, ou, pelo menos, conhecendo as regras, eles não demoraram em atender ao nosso convite.

Charles conseguiu formar um time com funcionários da São Paulo Railway, em maior número, e do London Bank. Eu e meu amigo Oliver Hill, que Deus o tenha, formamos um eleven só com funcionários da Companhia de Gás. Eis a verdade, São Paulo Railway x The Team of Gaz foi o primeiro match de foot-ball da história do Brasil.

Eu joguei pelo The Team of Gaz e tive a honra de fazer o primeiro ponto da história. Larry Fox deu um potente arremate para o alto e a bola bateu no chão, enganando o back Basil Newcastle. Rapidamente dominei a esfera e avancei para o goal, colocando-a com força no canto direito do goal-keeper, que era James MacGovern.

Mas o São Paulo Railway possuía players vistosos, e não tardaria em virar o jogo com pontos de Jack Bailey e Charles Miller. Depois de muita luta conseguimos empatar. Paul Reed, nosso center-half, foi ao ataque intempestivamente e igualou o match em 2 x 2.

O ponto de desempate seria uma demonstração da arte e da graça com que pode nos brindar este esporte. Miller negaceou dois players, fintou o goal-keeper e depois mandou a bola para o goal com um toque muito garboso, toque este que imediatamente batizamos de "chaleira", posto que inventado por Charles.

Corremos muito atrás do empate, pois não queríamos entrar para a história como os primeiros derrotados em campos brasileiros. Aos 43 minutos do segundo tempo, quando nosso anônimo já entibiava, a bola sobrou para mim, na altura do meio-campo. Dei um chute fortíssimo, depositando naquele arremate todas as minhas esperanças. A bola subiu muito e então começou a descrever um arco em direção ao goal.

Enquanto a bola descia, havia um silêncio total, apenas quebrado pelos mugidos de uma vaca ao longe. Depois de alguns instantes, que a mim pareceram uma eternidade, eis que a bola cruza o arco. Eu havia conseguido! Fizera um tento inesquecível! Saí para abraçar meus companheiros, mas, estranhamente, eles davam-me as costas. Só então percebi que, com as vistas nubladas pela ânsia do empate, eu havia arremetido contra o meu próprio goal-keeper, Oliver Hill, que Deus o tenha.

Terminou o match com a vitória do São Paulo Railway por 4 x 2.

Depois daquele dia, realizamos muitos outros matches, alguns na Chácara Dulley, perto da Luz, onde o campo era maior e não havia muares importunando. Aos poucos, os brasileiros foram tomando gosto pelo sport e até formaram alguns teams. Em 1900, já havia quatro ou cinco deles em São Paulo e alguns matches, no campo do Velódromo, na Nestor Pestana, conseguiram reunir até oitenta assistentes.

JÁ ATRAI MAIS GENTE QUE AS REGATAS. EXAGERO...

Naquele ano, recebi uma oferta de emprego em Goiás, que meu pai dizia ser irrecusável. Lamentei deixar minha cidade e meus amigos, mas obedeci. Foi grande o meu padecimento por causa do calor e dos mosquitos, mas acabei casando-me e, na falta do foot-ball, tive sete filhos. Meus pais faleceram, adoeci e tive apertos de dinheiro, tantos que resolvi voltar agora em 1928 e vou ver se me acerto nas ações do café.

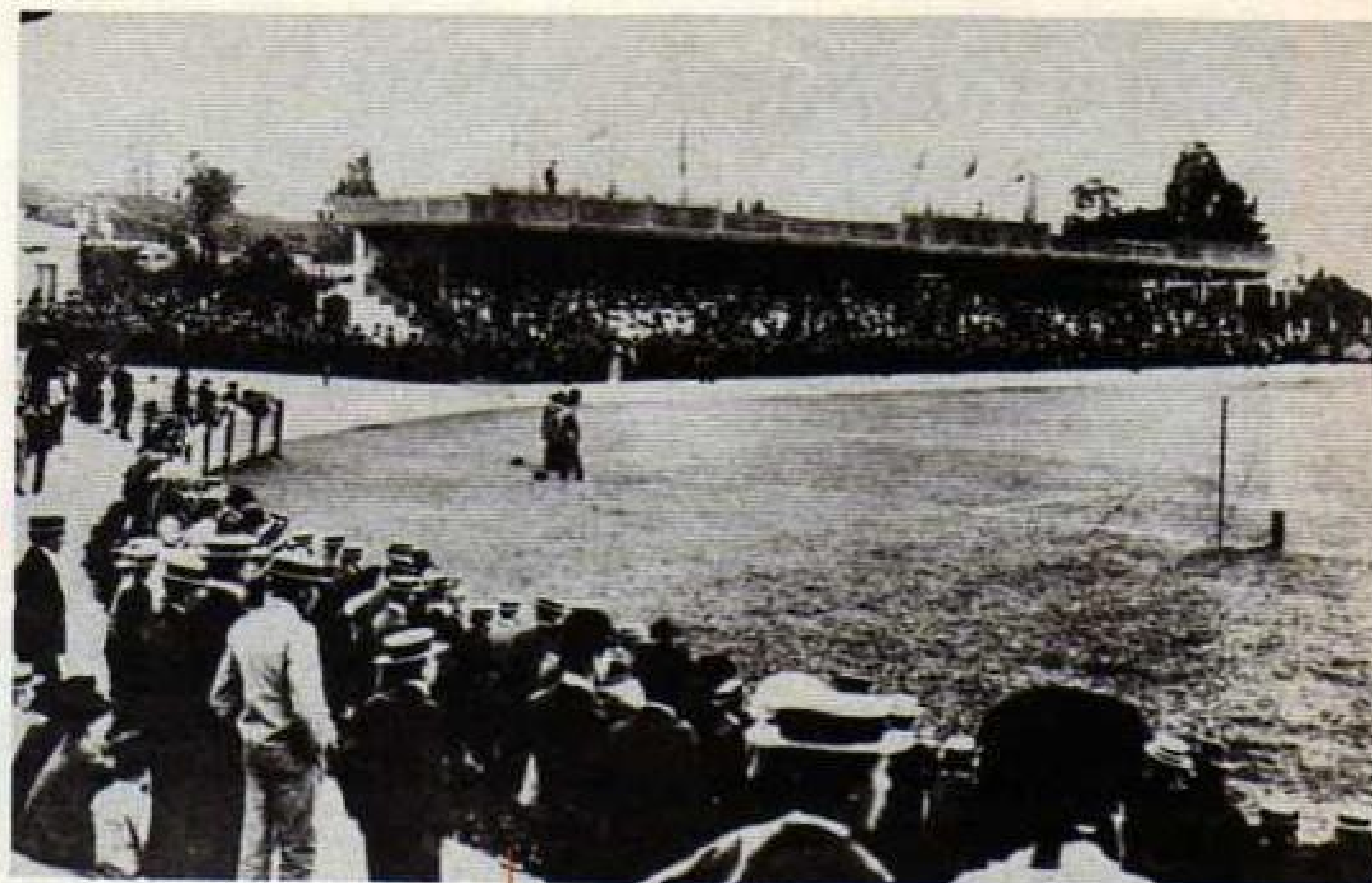
Do foot-ball, nada se sabia em Goiás. Por isso, quando cheguei, quis logo ir ver um match; confesso que fiquei assustado com o que vi. Duelavam dois teams que eu não conhecia: Palestra Itália e Corinthians. O Velódromo estava cheio. Devia haver ali quase duas mil almas e eu passei um bom medo vendo tanta gente e a paixão que tinham os aficcionados pelos seus esquadrões. Não cansei de me admirar como as coisas mudaram.

Pelo que soube, agora há uma dezena de teams e campeonatos por toda a parte. Disseram-me também que participaremos de uma Copa do Mundo em 1930. Se for verdade, estou certo de que faremos boa figura. Cá no fundo, porém, não poderia imaginar que o foot-ball caísse tanto no gosto dos brasileiros. Um vizinho me disse que já atrai mais gente do que as regatas, mas penso que isso é exagero.

Eis os fatos, meu querido neto. Sou velho, o passado é minha vida, o presente são tosses e o futuro é unir-me a Deus. Tive, porém, a felicidade de marcar o primeiro ponto, ou gol — como se diz hoje erradamente —, em terras brasileiras. Ademais, fiz também o primeiro tento contra. Não aprecio homenagens e festas, mas não nego que gostaria de ser convidado para um banquete com o presidente de São Paulo ou dar meu nome a uma rua. Porém, estou tranqüilo. A história fará justiça a mim, ao bom amigo Charles Miller e a Oliver Hill, que Deus o tenha.

Do avô que muito te adora
Aos 28 dias de janeiro de 1928.

José Roberto Torero é autor dos livros Chalaça *(Prêmio Jabuti na categoria Romance),* Terra Pappagali *e* Santos — Um time dos céus. *Ao lado de Marcus Aurelius Pimenta, escreveu os fascículos "História das Copas", publicados em PLACAR.*

Os primeiros passos

O Velódromo, em São Paulo, foi o primeiro estádio de futebol do país

RIO GRANDE *O primeiro time*

O time de futebol mais antigo do Brasil é o Sport Club Rio Grande, do Rio Grande do Sul. Em 19 de julho de 1900, a pretexto de comemorar seu 25º aniversário, o alemão Christian Moritz Minemann reuniu dezesseis amigos no Clube Germânia e fundou o time. Dias depois, os jogadores receberam da Inglaterra chuteiras, calções compridos e camisas. O único título do Rio Grande foi o campeonato estadual de 1936. Comemora-se o Dia Nacional do Futebol em 19 de julho, dia da fundação do Rio Grande. Clubes como o Vitória e o Flamengo foram fundados antes do Rio Grande, mas não contavam com times de futebol. O Vitória nasceu como um clube de críquete. O futebol só começou a ser praticado na Bahia a partir de 1901 e alguns anos depois o rubro-negro montou seu primeiro time. Já o Flamengo surgiu como clube de remo (daí seu nome: Clube de Regatas do Flamengo) e somente em 1911 formou sua primeira equipe de futebol.

HANS NOBILING *O professor alemão*

O alemão Hans Nobiling foi outro que desembarcou no Brasil trazendo na bagagem uma bola e uma enorme vontade de jogar futebol. Mas em São Paulo, cidade onde se estabeleceu em 1887, o esporte era privilégio de ingleses e dos alunos do Colégio Mackenzie, o primeiro time de brasileiros. Nobiling precisou de muita insistência para conseguir convencer alguns rapazes a organizar um time. Com base nos conhecimentos adquiridos no Germânia, time da Alemanha no qual jogara, Nobiling ensinou seus companheiros a chutar, a passar e a fintar.

Quando ficou satisfeito com a evolução de seus pupilos, o professor alemão mandou uma carta desafiando o time do Mackenzie para um *match*, o primeiro disputado entre duas equipes brasileiras. O racha terminou 0 x 0, mas nunca um placar tão magro rendeu tão bons resultados. O futebol já não era só para inglês ver.

Nobiling também protagonizou a primeira cisão do futebol brasileiro. Quando se reuniu com os companheiros para a fundação de um clube, exigiu que o nome fosse Germânia. Os alemães acharam maravilhoso, mas os demais (brasileiros, portugueses, franceses e também ingleses desgarrados) não aceitaram. No voto, ganhou o nome Internacional. Nobiling não aceitou o resultado nas urnas e abandonou a reunião, levando a bola embaixo do braço. Junto com seus compatriotas, ele fundou o Germânia, atual Pinheiros.

OSCAR COX *O embaixador da bola*

Quando terminou seus estudos na Suíça e retornou ao Brasil, Oscar Cox não imaginava a dificuldade que iria encontrar para praticar seu esporte favorito, o futebol. Naquela época, o Rio de Janeiro era dominado pelo críquete e parecia não haver espaço para outro esporte com bola. Cox não desistiu. Tanto falou dos encantos do jogo aos amigos que conseguiu reunir um pequeno grupo de jogadores para ensinar as regras. Estava organizado o Rio Team.

Mas surgiu outra dificuldade: arrumar adversários. Cox teve que recorrer aos ingleses do Rio Cricket and Athletic Association, de Niterói, que já haviam praticado o esporte em sua terra natal. A primeira partida, disputada em Niterói, no dia 1º de agosto de 1901, terminou empatada em 1 x 1 e foi assistida por quinze pessoas, público recorde para um esporte desconhecido.

Coube a Cox organizar também o primeiro jogo Rio-São Paulo, em 1901. Ele até mesmo tentou conseguir um desconto no trem que levou a equipe para a capital paulista, uma vez que "se tratava de uma embaixada esportiva". A Estrada de Ferro Central do Brasil não se comoveu. Os rapazes, entretanto, não tiveram problemas em pagar as passagens, já que eram todos endinheirados.

Os dois encontros entre os combinados carioca e paulista terminaram empatados (1 x 1 e 2 x 2). Os jogos foram marcados pela extrema cordialidade e camaradagem. Não houve nenhum pontapé e a imparcialidade do juiz mereceu brindes no jantar que comemorou o encontro. Um clima bem diferente daqueles que marcariam os futuros embates Rio-São Paulo.

Alunos do Mackenzie: o 0 x 0 contra o Germânia entrou para a história

A eterna vitória

POR LUÍS ESTEVAM PEREIRA

Os brasileiros se acostumaram a remoer os episódios da Copa de 1950 pela ótica dos derrotados. Nesta reportagem, os jogadores uruguaios fazem o relato dos vencedores, uma história de valentia e sorte

NO DIA EM QUE SE TORNARIA LENDA, O MEIA OBDULIO JACINTO VARELA ACORDOU DE MAU HUMOR. Sua indisposição de espírito fazia parte do ritual que impunha a si e aos companheiros nos dias de decisão. Era 16 de julho de 1950. Logo mais, naquele domingo de sol, o Uruguai realizaria a maior façanha da sua história esportiva ao bater, em pleno Maracanã e contra todas as expectativas, a Seleção Brasileira, feito que lhe valeu o título da IV Copa do Mundo. Entretanto, até os momentos que antecederam o apito final do juiz, Obdulio não acreditava na vitória da Celeste. "O Uruguai era uma reunião de contrariedades", recorda "El Gran Capitán". Por contrariedades, entenda-se desavenças entre jogadores, jornalistas e cartolas. Os preparativos para a Copa do Mundo foram atabalhoados. Um mês antes da estréia, num amistoso disputado em Montevidéu, a Celeste não passou de um 3 x 3 contra o Fluminense. O meia-direita Julio Pérez confirma: "Todos os uruguaios estavam pessimistas. Torcida, dirigentes e imprensa. Só havia confiança entre os jogadores".

O Uruguai estreou no Estádio Independência, em Belo Horizonte, com acachapantes 8 x 0 sobre a Bolívia. Depois da partida, caíram na noite. Era madrugada e os primeiros jogadores começaram a voltar para o hotel. Foram barrados um a um por Obdulio. Quando o último farrista apareceu, o capitão deu a bronca. Os jogadores ouviram quietos, pois sabiam que Obdulio era capaz de calar qualquer resmungo a bofetadas.

A primeira batalha para valer foi contra a Espanha, no Pacaembu. Os espanhóis venciam por 2 x 1 e todas as tentativas uruguaias morriam nas mãos do goleiro Ramallets. "Então, entrei com tudo no arqueiro", recorda o centroavante uruguaio Míguez. "Os galegos gritavam cada coisa! Mas que se vai fazer? Eu precisava salvar a partida." Para ele, o espanhol ainda devia estar dolorido quando Obdulio mandou um tirambaço de 40 metros e conseguiu empatar a partida.

Naquele tempo, as Seleções que passassem pela Primeira Fase disputavam o título no sistema todos contra todos. Quem fizesse mais pontos seria campeão. O destino reservou a decisão para o último jogo. O Brasil precisava de um empate e o Uruguai exclusivamente da vitória. Já no Rio de Janeiro, a delegação uruguaia pôde constatar o clima de "já ganhou", inclusive entre seus próprios dirigentes. "Se perdermos só de três, nos damos por satisfeitos", garantiu o dirigente Juan Jacopo a Míguez.

"Pensei que tudo estava perdido quando o Brasil fez 1 x 0", recorda Schiaffino, o mais refinado craque da história do Uruguai. Foi ele o autor do gol de empate.

O time do Uruguai posa antes da decisão: confiança só entre os jogadores

O Maracanã *ficou mudo*

AG. JB

Ghiggia vira o jogo: desolação

O SILÊNCIO TOMOU CONTA DO MARACANÃ às 16h50 do dia 16 de julho. O Brasil precisava apenas de um empate. Saiu ganhando e perdeu por 2 x 1. Desolados, os 200 000 torcedores demoraram mais de meia hora para deixar o estádio.

O presidente da Fifa, Jules Rimet, conta um caso curioso no seu livro *La histoire merveilleuse de la Coupe du Monde*: "Ao término do jogo, eu deveria entregar a Copa ao capitão do time vencedor. Uma vistosa guarda de honra se formaria desde a entrada do campo até o centro do gramado, onde estaria me esperando, alinhada, a equipe vencedora (naturalmente, a do Brasil). Faltando poucos minutos para terminar a partida (estava 1 x 1 e ao Brasil bastava o empate), deixei meu lugar na tribuna de honra e, já preparando o discurso que deveria pronunciar diante dos microfones, me dirigi aos vestiários, ensurdecido com a gritaria da multidão".

Aconselhado a descer devagar a escada até o vestiário, Jules Rimet ia acompanhado por delegados da Fifa, dirigentes brasileiros e guardas armados com a missão de proteger a taça de ouro.

"Eu seguia pelo túnel, em direção ao campo. À saída do túnel, um silêncio desolador havia tomado o lugar de todo aquele júbilo. Não havia guarda de honra, nem hino nacional, nem entrega solene. Achei-me sozinho, no meio da multidão, empurrado para todos os lados, com a Copa debaixo do braço."

Jules Rimet não conseguiu entregar a taça e decidiu se retirar. Mas logo depois voltou e Obdulio Varela recebeu a taça. O presidente da Fifa disse: "Estou feliz pela vitória que vocês acabam de conquistar. Cheia de mérito, sobretudo por ter sido inesperada. Com minhas felicitações".

Ademir fuzila mais um: Brasil favorito

AG. O GLOBO

Um gol, aliás, que nasceu de um erro. "Ghiggia cruzou a bola e tentei pegar de raspão, só que acertei de peito de pé. Em vez de ir para o canto direito, a bola entrou no ângulo esquerdo. Tive uma sorte espantosa." A vitória veio de virada, com um gol de Ghiggia. O Uruguai se tornava com toda justiça o novo campeão. Não foi à toa que a atuação de Obdulio ganhou proporções bíblicas no imaginário uruguaio — e também no brasileiro. Para o cronista Nélson Rodrigues, testemunha ocular da tragédia de 1950, o capitão uruguaio "nos tratou a pontapés, como se vira-latas fôssemos".

A batalha de Berna

POR CARLOS MARANHÃO

O Brasil entrou em campo para enfrentar o bicho-papão da Copa e o jogo contra a Hungria terminou em pancadaria

AG. O GLOBO

A Hungria vence o Brasil por 4 x 2 numa partida tensa. Jogadores e dirigentes trocam palavrões, socos e cusparadas dentro do gramado

MAL O TELEFONE SOOU NO SAGUÃO DE MACOLIN, o hotel cercado de canteiros de flores em que a Seleção Brasileira se concentrava durante a V Copa do Mundo, realizada na Suíça em 1954, o treinador Zezé Moreira precipitou-se para atender. Ele ficou ouvindo em silêncio. Como pressentia, a chefia da delegação estava ligando de Zurique para informá-lo do resultado do sorteio que indicaria o adversário do Brasil nas Quartas-de-Final. Poderia ter sido apontada a Alemanha, como ele admitia. Quem sabe a Suíça, como ele desejava. Ou talvez a Hungria, como ele temia.

Quando desligou, com ar visivelmente preocupado, a resposta já estava estampada no seu rosto. Por isso, as pessoas que o rodeavam — jogadores, jornalistas, alguns dirigentes, curiosos — sofreram impacto um pouco menor com a notícia.

— Sim — anunciou Zezé. — Jogaremos contra os húngaros.

Era como se dissesse: sim, vamos enfrentar o bicho-papão; sim, seremos derrotados; sim, voltaremos daqui a uns dias para casa.

Em Macolin, desejava-se tudo — menos um confronto com a Hungria, campeã olímpica de 1952, a grande favorita da Copa. O temor existia desde o princípio. Na chegada da Seleção, é certo, houve um deslumbramento geral. Ninguém conhecia a Europa (o próprio Zezé fazia a primeira de suas quinze viagens para lá) e nem seu futebol. Para todos, as paisagens de cartão postal foram uma surpresa tão forte como descobrir que os jogadores europeus usavam chuteiras de travas móveis. Elas pesavam menos da metade do que aquelas com as quais estavam acostumados. Só uns poucos, em compensação, não tinham ouvido falar do poderio dos húngaros. Afinal, ainda se comentava no Brasil o deslumbrante espetáculo de 25 de novembro de 1953, quando eles derrotaram a Inglaterra por 6 x 3 dentro de Wembley — o primeiro jogo perdido pelo *English Team* no santuário do seu futebol. "Foi a maior exibição que eu vi na minha vida", resumira o já lendário ponta-direita Stanley Matthews. Depois, na revanche de Budapeste, uma goleada mais humilhante: 7 x 1.

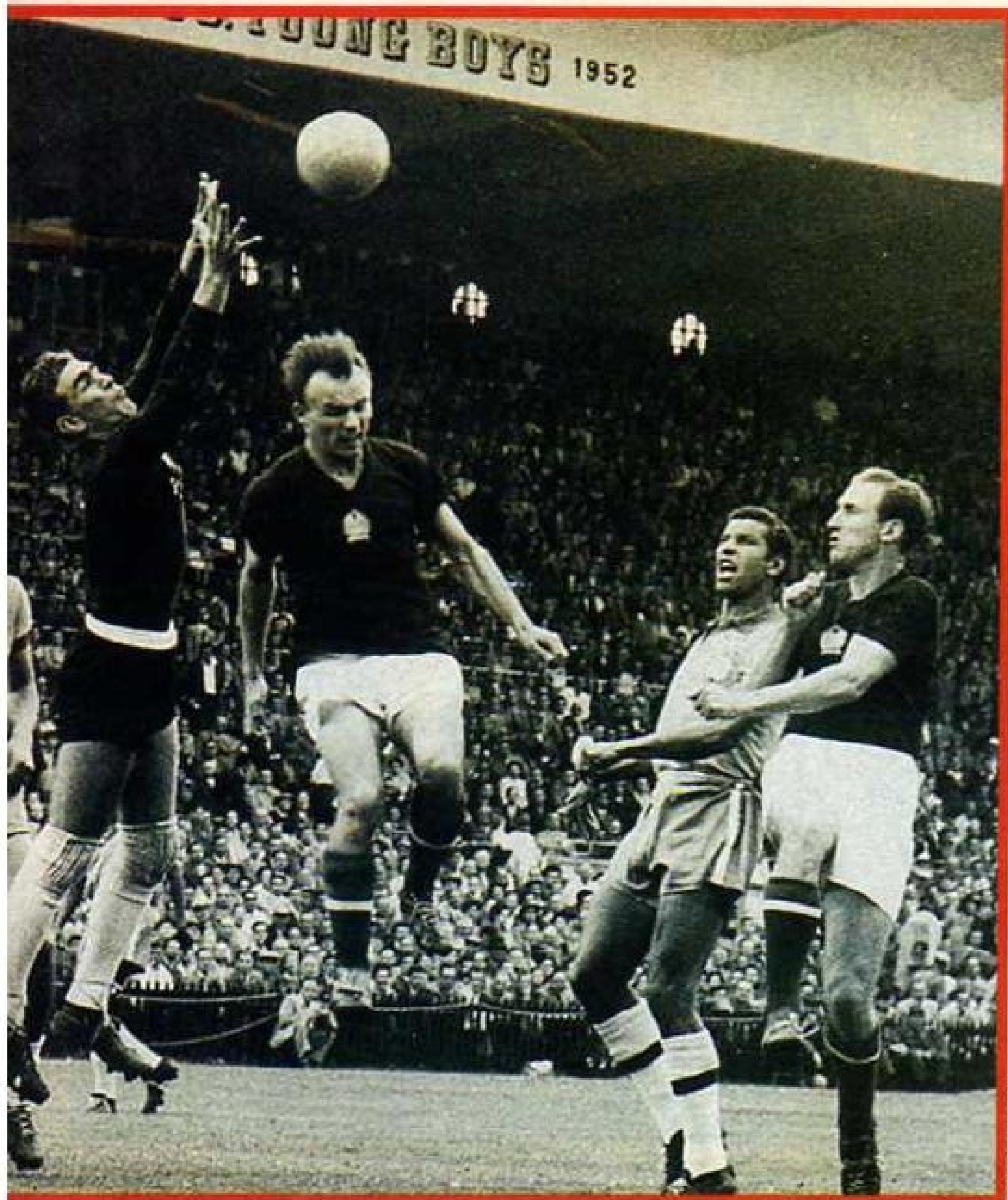
Por sorte, nas Oitavas-de-Final, a Hungria ficara em outra chave. Coitados dos coreanos, suas primeiras vítimas: tomaram de nove. Pobres dos alemães, submetidos ao holocausto seguinte: levaram de oito. Dezessete gols em duas partidas. Alguém continuava duvidando? E o Brasil? Na estréia, como parecia tradição, pegou o México. Fez 5 x 0 com a habitual facilidade. O próximo adversário seria a Iugoslávia, que tinha Vladimir Beara, antigo bailarino amador e um goleiro de estilo vistoso.

Para assegurar a classificação — informaram aos jogadores —, o Brasil teria que ganhar o jogo. O empate não servia. Zebec colocou os iugoslavos em vantagem, mas Didi logo empatou. Com o 1 x 1, veio uma prorrogação de meia hora. Já que era preciso vencer, o Brasil partiu inteiro para a frente. Espantado com tamanho empenho, o capitão Zlato Cjaicowski, mostrando os dedos indicadores, gritava para os brasileiros:

— *It's good! It's good!*

Ele queria dizer que o 1 x 1 estava bom. Mas ninguém entendia. Quando o jogo acabou, os jogadores entraram no vestiário desolados. O ambiente era de saída de cemitério. De repente, chegou a notícia: o empate, como os iugoslavos tentavam lembrar através de sinais, classificava ambas as equipes. Nem um único membro da delegação brasileira sabia disso.

E agora, após um intervalo de oito longos dias de angústia e expectativa, o Brasil se preocupava para jogar com a temidíssima, assustadora Hungria. O ambiente, em Macolin, não poderia ser pior. Além de alarmados com o retrospecto, os jogadores brasileiros tinham se impressionado ao assistir a um treinamento dos húngaros contra um time de fábrica de relógios. As fotografias, enviadas para os jornais do Rio de Janeiro e de São Paulo, mostravam o pânico nos seus olhos. Na véspera da partida, circulava um boato na concentração:

POPPERFOTO

João Lira Filho, o chefe da delegação, marcara as passagens de volta. Ele desmentiu imediatamente. Mas, com seu estilo de orador inflamado, resolveu fazer um discurso para os jogadores, apontando para uma bandeira nacional:

— Olhem as cores que vocês terão que defender com galhardia, honrando a nossa pátria.

Depois de Lira, falaram com cinco jornalistas: um paulista, um carioca, um gaúcho, um mineiro e um pernambucano.

Quando eles acabaram, o clima era de constrangimento.

— Isso não está certo — disse Didi, meio na brincadeira, meio a sério. — Deixou de falar um representante do Estado do Rio. Eu quase me levantei para discursar em nome da crônica fluminense.

SYGMA

Final Hungria x Alemanha: surpresa alemã

Alguns riram, mas a maioria não achava graça em nada. Eles se sentiam como soldados prontos a defender o país dos invasores, e não como jogadores que iriam disputar uma partida de futebol. E as palavras de Adelchi Ziltar, um jornalista mineiro que mais tarde seria vereador de Belo Horizonte, não lhes saíam da cabeça:

— Temos que ganhar o jogo para vingar os mortos de Pistóia!

Em Pistóia, na Itália, estavam enterrados cerca de 450 soldados da Força Expedicionária Brasileira, tombados em combate na Segunda Guerra Mundial. A Hungria não tinha nada com isso. Muito menos os seus jogadores.

Os jogadores, é claro, sofreram os efeitos de tamanhas pressões. Bauer, que perdera 5 quilos no esforço extraordinário despendido no jogo com a Iugoslávia, recebeu autorização para ir até Zurique, na companhia do radialista Geraldo José de Almeida, a fim de espairecer e telefonar para a família. Veludo e Pinheiro saíram do hotel, voltaram tarde e quase foram desligados da delegação. Na noite anterior à partida contra a Hungria, o centroavante Humberto Tozzi praticamente não dormiu e fumou dois maços de cigarro. Pinga e Baltazar, ao acordarem, anunciaram que estavam contundidos.

Há testemunhos, da mesma forma, de que poucos jogadores conseguiram dormir um sono tranqüilo, sendo que alguns deles tiveram desinteria.

O pânico se espalhou. Ao chegar ao Estádio Wankdorf, Mário Vianna, o árbitro brasileiro escalado para a Copa, jura que viu Puskas, o capitão húngaro — que, contundido, não enfrentou o Brasil — entrar no vestiário do árbitro inglês Arthur Ellis. Puskas, segundo Mário Vianna, teria ficado lá dentro durante dezesseis minutos cronometrados. "Isso é trama de comunista", imaginou. Quando os times entraram em campo, lado a lado, um dos jogadores húngaros tocou no ombro de Castilho. O goleiro brasileiro deu um pulo para o lado. Bauer encarou o goleiro Grosics e achou que ele estava assustado. "Que cara branca a desse gringo", pensou o capitão brasileiro. Titular da Hungria de 1947 até 1962, Grosics tinha, de fato, um rosto muito claro.

O que se poderia então esperar do jogo? Aos 8 minutos do primeiro tempo, o Brasil perdia por 2 x 0. Foram gols rapidíssimos, nascidos de duas falhas: primeiro, o zagueiro Pinheiro parou a bola dentro da área e tentou driblar o centroavante Hidegkuti, mas o húngaro o desarmou e chutou cara a cara com Castilho, que depois se abraçou à trave como se estivesse chorando. Em seguida, Kocsis escapou num contra-ataque e a defesa parou, pedindo impedimento. Com 2 x 0, o Brasil se descontrolou e esteve perto de sofrer uma goleada. Mas, numa escapada, Índio foi derrubado por Buzanski na área. Djalma Santos converteu o pênalti e diminuiu. Como começou a chover e como os jogadores escorregassem no gramado, passaram a usar no segundo tempo chuteiras de travas altas. Didi, porém, não trocou as suas. Zezé Moreira percebeu, mandou Djalma Santos cair e Mário Américo entrou em campo para substituí-las. As chuteiras de travas baixas de Didi ficaram com Zezé, que mais tarde as utilizaria com outra finalidade.

No segundo tempo, o Brasil partiu decidido em busca do empate. Logo aos 16 minutos, no entanto, Ellis marcou um toque de Pinheiro na pequena área. O beque tentara cortar um passe de Czibor para Kocsis. Lantos bateu o pênalti e fez 3 x 1. Mas o Brasil ainda estava vivo. Numa avançada pela direita, Julinho marcou o segundo gol brasileiro. Não bastou,

pois no finalzinho o fabuloso Kocsis — "O Cabeça de Ouro" — pularia sozinho na frente de Castilho: 4 x 2.

A essa altura, Ellis, um árbitro de 39 anos que em 1950 apitara Brasil 7 x Suécia 1 e bandeirara o Final da Copa no Maracanã, havia expulsado Nílton Santos e Boszik, que se esbofetearam, e Humberto, por ter desferido um pontapé em Kocsis pelas costas. Genro de Stanley Rous — presidente da Comissão de Arbitragem e futuro presidente da Fifa —, Ellis recordaria aquele jogo, em suas memórias, como a partida mais difícil que teria apitado na vida:

— Os brasileiros pediram impedimento nos gols de Kocsis, mas se esqueceram de que nos dois lances ele partiu de trás. Até aquele dia, eu nunca expulsara alguém em jogo internacional. Em compensação, nunca um jogador tivera a audácia de confundir boxe com futebol. No fim de tudo, recebi telegramas do Brasil, dizendo que, se voltasse para lá, me matariam.

Quando ele ia saindo do campo, Mário Vianna surgiu à sua frente e começou a xingá-lo:

— Safado! Eu te vi trancado com o Puskas no vestiário. Além de safado, és comunista!

O jovem repórter Paulo Planet Buarque escreveu as últimas palavras do seu comentário ("Perdemos como esportistas de verdade") e desceu para o campo com uma idéia na cabeça: "Vou dar uma lição nesse cara". Um guarda suíço o impediu de agredir o árbitro. Planet Buarque, que lutava judô, passou uma rasteira. O guarda caiu e, ao se levantar, colocou a mão no bolso traseiro da calça. "Ele vai sacar do revólver e me atirar", supôs o jornalista. Calmamente, entretanto, o guarda tirou um lenço e limpou o rosto. Mas nem tudo foi tão civilizado. O jornalista Geraldo José de Almeida e Puskas trocaram palavrões em suas línguas. Começava o quebra-pau. Pinheiro levou uma garrafada na cabeça — dizem que foi arremessada pelo próprio Puskas. Com um sorriso, Szibor ofereceu a mão para Maurinho. Na hora em que este iria apertá-la, o húngaro saiu de lado. Maurinho lhe deu uma cuspida e levou um soco. Julinho voltou do vestiário com um tubo de oxigênio e o atirou sem direção. Um dirigente húngaro olhou para Zezé e começou a provocá-lo:

— Moreira... Moreira...

E cuspiu duas vezes. Nesse momento, Zezé lembrou-se das chuteiras de travas baixas de Didi, que ainda estavam em suas mãos. Não teve dúvidas. Arremessou-as contra o provocador. Errou o alvo. Elas acertaram na cabeça de Gustav Sébes, vice-ministro de Esportes da Hungria. À noite, na concentração de Macolin, em meio a choros e protestos, Mário Vianna reuniu a delegação, acendeu um palito de fósforo e fez um discurso pomposo:

— No peito honrado de um brasileiro, essa insígnia jamais terá guarida!

Arrancou do paletó o escudo de árbitro da Fifa e o queimou ali mesmo, entre tímidos aplausos. Com esse episódio patético, terminava um capítulo do futebol brasileiro. Ellis apitaria dois jogos na Suécia, em 1958, mas Zezé deixava a Seleção e apenas Djalma Santos, Nílton Santos, Didi e Castilho, este como reserva, seriam bicampeões do mundo.

Mário Vianna foi eliminado da Fifa, Lyra Filho tornou-se ministro e a Hungria, numa zebra espantosa, deixaria o título escapar para a Alemanha, perdendo a Final por 4 x 2. O Brasil só perderia outro jogo de Copa do Mundo em 1966. Contra a Hungria.

memória

Tragédia aérea

A morte do time do Torino, da Itália, iniciou uma série de acidentes de avião muito tristes

A ITÁLIA FICOU DE LUTO NO DIA 4 DE MAIO DE 1949. O time do Torino, tetracampeão nacional e base da *Squadra Azurra*, voltava de Portugal em um avião da Alitalia. A aeronave se chocou contra o muro da catedral de Superga. Dezoito jogadores morreram. Mesmo tendo que disputar o restante do Campeonato Italiano com juvenis e reservas, o Torino fez o suficiente para ganhar o título. Os italianos ergueram no local do acidente um mausoléu em homenagem aos mortos.

Outros times
que se envolveram em acidentes aéreos

6/2/1958
Oito jogadores do Manchester United, da Inglaterra, morreram em um acidente ocorrido no aeroporto de Reim, em Mônaco. Bobby Charlton, futuro campeão pela Inglaterra em 1966, foi um dos sobreviventes.

9/12/1987
Onze titulares e sete reservas do Alianza, do Peru, desapareceram no Oceano Pacífico, a bordo de um Fokker-28.

27/4/1993
A delegação de Zâmbia, que viajava para disputar um jogo das Eliminatórias da Copa de 1994 no Senegal, morreu num desastre aéreo. Os jogadores foram enterrados em frente ao Estádio Nacional. O país improvisou um outro selecionado que quase se classificou para o Mundial dos Estados Unidos.

curiosidades

As bOlas

As primeiras vieram na mala de Charles Miller e viraram uma paixão nacional

SHOOT, FUSSBALL E DUPONT ERAM AS MARCAS DAS PRIMEIRAS BOLAS QUE QUICARAM NO BRASIL. Seus donos eram rapazes de fino trato que haviam estudado na Europa, onde aprenderam a jogar o futebol. As pioneiras Shoot vieram da Inglaterra na bagagem de Charles Miller. Já a Fussball foi trazida da Alemanha por Hans Nobiling. Finalmente, a Dupont foi uma encomenda de Oscar Cox a um amigo que viajou à Suíça. Todas eram muito parecidas entre si, mas bem diferentes das bolas de hoje. Tinham uma abertura por onde entrava uma câmara inflável de borracha. O principal problema surgia na hora de cabecear, quando o cadarço que amarrava a fenda podia machucar as cabeças menos protegidas. Daí o hábito de muitos jogadores usarem aquela touquinha aparentemente ridícula.

No início do futebol brasileiro, para suprir a demanda cada vez maior, a saída foi importar pelotas inglesas. A mais procurada era a McGregor. Mas não tardou que um artesão chamado Caetano começasse a fabricar as primeiras bolas nacionais na sua sapataria da Rua Ipiranga, em São Paulo. Logo, outros sapateiros entraram no ramo promissor e o Brasil se tornou exportador de bolas, principalmente para a Argentina e o Uruguai. Mesmo assim, a redonda era um artigo de luxo e a criançada brincava mesmo era com bolas de meia, recheadas com palha ou papel. A maior parte dos nossos primeiros craques começou assim.

Na década de 40, a bola que imperava nos gramados brasileiros tinha costura interna, sem a abertura e o cordão. Mas o seu couro marrom continuava a encharcar nos dias de chuva ou nos campos cheios de lama. "Ficava tão pesada que eu tinha que jogar de esparadrapo nas mãos e os homens da linha tinham de enfaixar os pés", conta Oberdan Catani, goleiro do Palmeiras e da Seleção nos anos 40. A partir da Copa de 1962, a bola passou a ser fabricada com dezoito gomos, ganhando uma forma mais perfeita e estável.

A cor branca, que sempre foi usada nos jogos noturnos, tornou-se a preferida também nos diurnos depois da Copa de 1970.

As três bolas que deram o Tri ao Brasil: a de 1958 *(acima)*, a de 1962 *(embaixo)* e a de 1970 *(no centro)*

RICARDO BREDA

FERNANDO CANTOS / AG FOLHA

O fantástico major da bola

Suíça, 1954. O líder e capitão da Seleção Húngara assombra o mundo e só cai batido pela violência de um adversário

AQUELE MENINO BAIXINHO E GORDINHO, que fica lá atrás do gol servindo de gandula, está atento a cada lance da partida. Agora ele sai correndo para junto da arquibancada e vai buscar uma bola chutada por um atacante do time da casa. O garotinho chama-se Ferenc Puskas, tem 8 anos e nasceu respirando futebol. O atacante que acaba de errar o chute a gol é seu pai — titular da equipe do Kispest, bairro de Budapeste onde o pequeno Puskas nasceu.

De fato, a convivência de Ferenc Puskas com a bola começou cedíssimo. Aos 4 anos, já acompanhava o pai aos treinos e jogos do Kispest. Ao 16 anos — aí o pai já era o treinador da equipe —, Puskas estreava no time principal. A Hungria vivia um momento conturbado em sua história: naquele mesmo ano de 1944, tropas soviéticas ocuparam o país e o novo governo provisório que se estabeleceu declarou guerra à Alemanha de Hitler. Em 1949, o jovem Puskas, que entendia tudo de bola e passara a vida toda fazendo de um potente tiro de canhota sua grande arma, é convocado para servir o Exército. Nunca havia segurado um fuzil. De um momento para outro, estava num quartel iniciando um curso de oito semanas que o elevaria ao posto de subtenente. Adeus futebol? Nada disso: passaram-se os dois meses e o agora subtenente Ferenc Puskas recebe outra promoção: capitão do time do Honved — novo nome do seu velho Kispest, rebatizado desde que se tornou a equipe do Exército de Budapeste. O campo de batalha de Puskas continuariam sendo os gramados. Suas magníficas atuações vão se refletindo no currículo militar: de tenente passa a capitão, daí a major.

SIPA PRESS

Ferenc Puskas: potente tiro de canhota

HUMILHAÇÃO INGLESA

"Major Galopante" é o apelido que recebeu respeitosamente. Do mesmo modo, a Seleção Húngara — formada quase toda à base do Honved — começa também a ganhar o respeito de todo o mundo. Uma constelação de craques comandada por Puskas vai iniciar uma trajetória de brilhantes atuações. Jogos Olímpicos de Helsinque, 1952: os húngaros arrebatam a medalha de ouro no futebol, com cinco vitórias em cinco jogos, 20 gols a favor e apenas 2 contra. Estádio de Wembley, 25 de novembro de 1953: os ingleses, até então imbatíveis em seu templo sagrado, são humilhados por Puskas e seus soldados: 6 x 3. Inconformados, os britânicos pedem uma revanche. Budapeste, 23 de maio de 1954: Hungria 7 x 1 contra a Inglaterra.

Chega a Copa do Mundo de 1954. A "Equipe de Ouro" — era assim que a Hungria passara a ser chamada depois de quatro anos sem derrota em 32 jogos internacionais — estréia contra a infeliz Coréia do Sul: 9 x 0. É a vez de a Alemanha levar uma goleada: 8 x 3. Por mais paradoxal que pareça, foi ali que a Hungria começou a perder o Mundial da Suíça. Os alemães caçaram Puskas em campo. E conseguiram acertá-lo, quando o beque Liebrich lhe aplicou precisa botinada no tornozelo esquerdo.

A fantástica Seleção Húngara continuava sua campanha: passou pelo Brasil (4 x 2) nas Quartas-de-Final e pelo Uruguai (2 x 2 no tempo normal e 2 x 0 na prorrogação) nas Semifinais. Nos dois jogos, Puskas não atuou. Aproximava-se a hora da Final, de novo contra a Alemanha. E o "Major Galopante" ainda não se recuperara totalmente. A Hungria sem Puskas não era exatamente aquela Hungria. Era preciso tê-lo na decisão. Ou melhor: Puskas queria participar de qualquer maneira daquele jogo — uma espécie de vingança pessoal contra a violência alemã. Chovia muito em Berna na véspera da partida, quando numa reunião com os dirigentes ele mesmo decidiu que vestiria no dia seguinte a camisa número 10. "Para ganhar dos alemães, me basta apenas uma perna boa", fulminou.

E lá está ele em campo. Aos 6 minutos, marcou 1 x 0. Dois minutos depois, deu o passe para Czibor fazer 2 x 0. Daí para a frente, o campo pesado e a persistente dor no tornozelo foram parando Puskas. Sem condições físicas, passou a fazer número em campo. Os alemães cresciam na partida e acabaram virando o marcador: 3 x 2.

Perplexo, Puskas, como de resto o mundo todo, não acreditava no que havia acontecido. "Um desastre", balbuciava. "Humilhamos os alemães no primeiro jogo, encantamos a torcida e assustamos os adversários. Não poderíamos perder. Levamos pancadas, jogamos menos que o normal e perdemos. Um desastre."

Puskas no Real Madrid: o craque húngaro se naturalizou espanhol para disputar a Copa de 1962

AG. O GLOBO

FUGA PARA O EXÍLIO

Puskas vestiria pela última vez a camisa húngara em 1956, depois de 83 partidas e 84 gols. Naquele ano, uma revolta contra o regime comunista explode em Budapeste e espalha-se pelo país. Tanques e tropas soviéticas reprimem a rebelião e provocam a fuga para o Ocidente de cerca de 200 000 húngaros. Assustado, Puskas refugia-se na cidadezinha italiana de Bordighera. O Real Madrid vai buscá-lo e Puskas começa uma nova vida. Ao lado de Di Stefano, comanda outra série incrível de vitórias e títulos *(veja também a reportagem da página 16)*. Naturaliza-se espanhol e disputa a Copa de 1962. Brilhou nos campos até 1969. Em sua maravilhosa carreira só faltou mesmo o título de campeão mundial — uma conquista impedida pela chuteira maldosa de um beque alemão.

A linhagem da realeza

Como um ex-zagueiro do Real Madrid transformou a equipe na potência mundial dos anos 50

AG. EFE

Quase toda a Espanha odiava aqueles onze craques. Por mais que se procurasse uma explicação, era impossível entender por que Di Stefano, Puskas e seus companheiros, que encantavam o mundo com a camisa do Real Madrid, não rendiam o mesmo pela Seleção Espanhola — na época, os jogadores defendiam o país onde moravam. Os torcedores do Real Madrid, no entanto, compreendiam perfeitamente o desempenho de seus ídolos. Mais do que talento, eles sabiam que o que movia o maior time da década de 50 era a força de um homem que só exigia de seus discípulos um compromisso diário com a vitória: o presidente Santiago Bernabeu.

Desde os anos 20, quando era zagueiro do clube, Bernabeu alimentava o sonho de formar a melhor equipe do mundo. Ao assumir a presidência, no início da década de 40, ele deu início a um trabalho planejado, que começou com a construção de um gigantesco estádio no bairro Chamartin, com capacidade para 120 000 pessoas. O passo seguinte foram as contratações. Após ver uma exibição do Millonarios de Bogotá, em Madrid, Bernabeu se encantou pelo futebol de dois jogadores argentinos: Di Stefano e Nestor Rossi. As negociações com o jogador e o River Plate – a quem pertencia seu passe – foram longas, mas, em 1953, Di Stefano se transferia para a Espanha. Nestor Rossi preferiu continuar na Colômbia. Em seguida chegava o ponta-esquerda Gento, contratado ao Santander, da Espanha.

Após a vitória sobre o Peñarol, os espanhóis comemoram o primeiro título mundial interclubes

Com o embrião formado, o Real venceu o bicampeonato espanhol de 1954 e 1955 e se credenciou a disputar a Copa dos Campeões, abrindo espaço para as conquistas internacionais. Para isso, o técnico Villalonga pediu as contratações do lateral Marquitos – outro do Santander – e do meia Rial. Com eles, a torcida sentiu a Europa a seus pés, vencendo a Copa dos Campeões de 1956, em uma inesquecível Final contra o Reims, da França, quando virou para 4 x 3 um jogo que perdia por 2 x 0 e 3 x 2.

Di Stefano e as cinco taças de Campeão Europeu do Real Madrid

CAMPANHAS QUE GARANTIRAM O TRONO

CAMPEONATO ESPANHOL
1957 e 1958

COPA DOS CAMPEÕES
1956, 1957, 1958, 1959 e 1960

Campanha 1956
Servette (SUI) 0 x Real Madrid 3
Real Madrid 5 x Servette (SUI) 0
Real Madrid 4 x Partizan (IUG) 0
Partizan (IUG) 3 x Real Madrid 0
Real Madrid 4 x Milan (ITA) 2
Milan (ITA) 2 x Real Madrid 1
Real Madrid 4 x Stade Reims (FRA) 3

Campanha 1957
Real Madrid 4 x Rapid Viena (AUT) 2
Rapid Viena (AUT) 3 x Real Madrid 1
Real Madrid 2 x Rapid Viena (AUT) 0
Real Madrid 3 x Nice (FRA) 0
Nice (FRA) 2 x Real Madrid 3
Real Madrid 3 x Manchester United (ING) 1
Manchester United (ING) 2 x Real Madrid 2
Real Madrid 2 x Fiorentina (ITA) 0

Campanha 1958
Antuérpia (BEL) 1 x Real Madrid 2
Real Madrid 6 x Antuérpia (BEL) 0
Real Madrid 8 x Sevilla (ESP) 0
Servilla (ESP) 2 x Real Madrid 2
Real Madrid 4 x Vasas (HUN) 0
Vasas (HUN) 2 x Real Madrid 0
Real Madrid 3 x Milan (ITA) 2

Campanha 1959
Real Madrid 2 x Besiktas (TUR) 0
Besiktas (TUR) 1 x Real Madrid 1
SK Viena (AUT) 0 x Real Madrid 0
Real Madrid 7 x SK Viena (AUT) 1
Real Madrid 7 x SK Viena (AUT) 1
Real Madrid 2 x Atlético Madrid (ESP) 1
Atlético Madrid (ESP) 1 x Real Madrid 0
Real Madrid 2 x Atlético Madrid (ESP) 1
Real Madrid 2 x Stade Reims (FRA) 0

Campanha 1960
Real Madrid 7 x Jeunesse Esch (LUX) 0
Jeunesse Esch (LUX) 2 x Real Madrid 5
Nice (FRA) 3 x Real Madrid 5
Real Madrid 4 x Nice (FRA) 0
Real Madrid 3 x Barcelona (ESP) 1
Barcelona (ESP) 1 x Real Madrid 1
Real Madrid 7 x Eintrach Frankfurt (ALE) 3

Mas o sonho de Santiago Bernabeu era maior. Por isso, em seguida era contratado o atacante francês Kopa. Um ano depois, em 1957, era a vez do húngaro Puskas, que abandonara o Honved por estar descontente com a situação política do seu país. A Fifa, no entanto, o obrigou a cumprir uma suspensão de dois anos, por ter se desligado do clube sem autorização.

O brasileiro Didi no Real: boicote de Di Stefano

AG. JB

Quando entrou no time, em 1959, o Real já havia conquistado o bicampeonato espanhol de 1957 e 1958 e o tri da Copa dos Campeões, em 1958. Já tinham chegado ao clube os brasileiros Didi – que logo foi embora, acusando Di Stefano de boicotá-lo – e Canário. E o técnico Villalonga fora substituído pelo argentino Luis Carniglia. Uma coisa, pelo menos, não tinha mudado. A filosofia da equipe continuava sendo alcançar a vitória em tudo o que disputava.

Assim, com Puskas, viria também o pentacampeonato europeu em 1960, em uma Final contra o Eintrach Frankfurt, da Alemanha, em que o Real deixou claro que não possuía apenas o melhor conjunto da Europa, mas também os dois principais craques do planeta. Na vitória por 7 x 3, Puskas marcou quatro vezes, deixando para Di Stefano a responsabilidade pelas outras três. Um mês depois, o Real conquistaria o título mundial, vencendo o Peñarol por 5 x 1 em Madri. Dali em diante, o ideal de Santiago Bernabeu morreria e o time jamais seria o mesmo. A concretização do sonho do presidente, no entanto, deixou intacto o respeito por aquelas onze camisas brancas. Afinal, até hoje todo o mundo sabe que para vesti-las é preciso ser digno da realeza.

Teste seus conhecimentos

Está na hora de assistir à fita número 3 e responder a estas três perguntinhas. Boa sorte!

1. Qual foi o primeiro campeonato disputado no Brasil?
a. Campeonato Brasileiro de 1896.
b. Campeonato Paulista de 1902.
c. Copa União de 1900.

2. Em que time brasileiro jogou Charles Miller?
a. Germânia.
b. Mackenzie.
c. São Paulo Athletic Club.

3. Qual era o nome do presidente do Real Madrid nos vitoriosos anos 50?
a. Santiago Bernabeu.
b. Vicente Calderón.
c. Javier Castrili.

Respostas: 1 b; 2 c; 3 a

No próximo número

A genialidade de Mané Garrincha

O Santos do Rei Pelé é bicampeão mundial

A Taça do Mundo é nossa!
A Seleção Brasileira conquista o Tri no México

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

PRESIDENTE E EDITOR: Roberto Civita
VICE-PRESIDENTE E DIRETOR EDITORIAL: Thomaz Souto Corrêa
VICE-PRESIDENTE EXECUTIVO: Luiz Gabriel Rico
VICE-PRESIDENTE DE OPERAÇÕES: Gilberto Fischel

DIRETOR DE DESENVOLVIMENTO EDITORIAL: Celso Nucci Filho
DIRETOR DE PLANEJAMENTO E CONTROLE: Celso Tomanik
DIRETOR DE RECURSOS HUMANOS: Egberto de Medeiros
SECRETÁRIO EDITORIAL: Eugênio Bucci
DIRETOR DE SERVIÇOS EDITORIAIS: Henri Kobata
DIRETOR DE EDITORIAL ADJUNTO: Matinas Suzuki Jr.
DIRETOR DE PUBLICIDADE: Milton Longobardi

DIRETOR SUPERINTENDENTE: Nicolino Spina

DIRETOR DE REDAÇÃO: Marcelo Duarte

DIRETOR DE ARTE: Silas Botelho
REDATOR-CHEFE: Sérgio Xavier Filho
EDITOR DE FOTOGRAFIA: Ricardo Corrêa Ayres
EDITORES SENIORES: Alfredo Ogawa, Luís Estevam Pereira
EDITORES ESPECIAIS: Amauri Barnabé Segalla, Celso Unzelte
REPÓRTERES ESPECIAIS: Luísa de Oliveira, Rogério Daflon, Sérgio Garcia (Rio de Janeiro)
REPÓRTERES: Christian Carvalho Cruz, Manoel Coelho
SUBEDITOR DE FOTOGRAFIA: Alexandre Battibugli
REPÓRTER FOTOGRÁFICO: Pisco Del Gaiso
CHEFES DE ARTE: Adriana Nakata, Fábio Bosquê Ruy
DIAGRAMADORES: Luciano Augusto de Araujo, Rita Palon
ATENDIMENTO AO LEITOR: Luís Eduardo Alves, Rodolfo Martins Rodrigues

APOIO EDITORIAL
DEPTO. DE DOCUMENTAÇÃO: Susana Camargo; ABRIL PRESS: José Carlos Augusto; NOVA YORK: Grace de Souza; PARIS: Pedro de Souza

PUBLICIDADE
DIRETORA DE VENDAS: Thais Chede Soares B. Barreto

VENDAS SÃO PAULO
EXECUTIVOS DE NEGÓCIOS: Cristiane Tassoulas, Rogério Gabriel Comprido, Sérgio Ricardo Amaral
GERENTE DE AGÊNCIAS: Moacyr Guimarães
EXECUTIVOS DE CONTAS DE AGÊNCIAS: Ana Marta M.G. de Castro, André Chaves, Liliane Graciotti, Patrícia Trufeli, Renata de Abreu Moreira
GERENTES DE MARKETING PUBLICITÁRIO: Elizabeth de Menezes Rocha, Simone de Souza

VENDAS RIO DE JANEIRO
GERENTE DE PUBLICIDADE: Leda Costa
CONTATOS DE AGÊNCIAS: Célio Robledo, Lúcia Angélica

ASSINATURAS
DIRETOR DE OPERAÇÕES E SERVIÇOS: Antonio Almeida
DIRETOR DE VENDAS: William Pereira

CIRCULAÇÃO
Adriana Naves, Claudia Saadia (Assinaturas), Marcelo Jucá (Bancas, Promoções e Eventos)

PROJETOS ESPECIAIS
Celio Leme

PLANEJAMENTO E CONTROLE
Gláucio C. Barros

PROCESSOS
Gilson Del Carlo

DIRETOR ESCRITÓRIO BRASÍLIA: Luiz Edgar P. Tostes
DIRETOR ESCRITÓRIOS REGIONAIS: Marcos Venturoso
DIRETOR ESCRITÓRIO RIO DE JANEIRO: Celso Marche
REPRESENTANTE EM PORTUGAL: Manuel José Teixeira

PRESIDÊNCIA: Roberto Civita, *Presidente e Editor*, José Augusto Pinto Moreira e Thomaz Souto Corrêa, *Vice-Presidentes Executivos*

VICE-PRESIDENTES: Angelo Rossi, Fatima Ali, José Wilson Armani Paschoal, Luiz Gabriel Rico, Peter Rosenwald, Placido Loriggio

COLEÇÃO
PLACAR
PusKas
O HÚNGARO MÁGICO
SYGMA

POTÊNCIA NÃO É NADA SEM CONTROLE.

*Considerando padrões normais de dirigibilidade.

Chegou ao Brasil o mais novo conceito em pneu: P3000 Energy. A partir de um revolucionário composto de materiais e de um desenho exclusivo, o P3000 Energy tem durabilidade 15%* maior que os pneus standard e economiza mais combustível.

P3000 ENERGY. ONDE ECONOMIA É PERFORMANCE.